



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Departamento de Imprensa
imprensa@unisantos.br
(13) 3228 1239

Jornal: A Tribuna

Data: 1/10/2017

Seção/Página: Cidades - A4/A5

Se o ciúme é o tempero do amor, em demasia pode ser amargo à vida a dois e até provocar tragédias

TATIANE CALISTO
 DA REDAÇÃO

Por volta das 5 horas da manhã do dia 10 de setembro de 2015, uma criança de fraldas, perambulando sozinho pela rua, chamou a atenção da vizinhança em um bairro da Área Continental de São Vicente. A menina estava assustada e o motivo logo seria descoberto.

Em casa, o corpo da mãe, de 25 anos, estava sem vida sobre a cama e marcado com três tiros. Os disparos foram feitos pelo pai da criança, enquanto a mulher dormia. Depois do crime, ele saiu de casa, deixando a porta destrancada, o que permitiu a saída da menina. O motivo do assassinato: ciúme.

Na noite do crime, o homem alegou ter visto a esposa trocar mensagens com outro.

Há quem diga que o ciúme é o que tempera os relacionamentos. Há quem saiba, entretanto, que fora dos limites o sentimento pode trazer um sabor amargo à vida a dois. E bem mais do que isso: provocar tragédias.

Não há estatísticas claras sobre o que se convencionou chamar de crimes passionais. Mas alguns dados jogam luz sobre esse tipo de ocorrência. Desde 2014, por exemplo, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP-SP) passou a qualificar as informações referentes aos indicadores criminais de homicídios.

Entre os casos, são classificadas mortes por linchamento, execução ou acidentes de trânsito e também por conflito interpessoal III. Neste último caso, estão agrupados assassinatos relacionados a casais e companheiros e quando a morte resultou de conflito que envolve relações afetivas, assim como agressões a um terceiro em razão do sentimento de posse de um dos parceiros.

Este ano, de janeiro a julho, estas mortes responderam por 71% do total de homicídios registrados no Estado. Em 68,8% das situações, as vítimas eram mulheres.

AUTOESTIMA
 Elen – nome fictício –, 47 anos, sabe que por pouco não fez parte de estatísticas parecidas quando o hoje ex-marido apontou-lhe uma arma na cabeça. Eles foram casados por 20 anos e há sete ela conseguiu escapar de um relacionamento sufocante e violento, que um dia ela chegou a pensar que fosse rápido a muito amador.

INSEGURANÇA

"Esse sentimento está sempre relacionado ao medo de perder o lugar para outra pessoa. Na relação amorosa, isso também vai acontecer. O ciúme é a constatação do perigo de que aquele que amamos pode vir a se interessar por outro alguém que não a gente. O ciúme está relacionado à insegurança. O ciúme doentio é uma pessoa altamente insegura e egoísta"

Thalita Nobre
 doutora em Psicologia Clínica

OCORRÊNCIAS

De janeiro a julho deste ano, as chamadas mortes por conflito interpessoal III, afetadas pela Secretaria de Segurança de São Paulo, responderam por 71% do total de homicídios registrados no Estado. Em 68,8% das situações, as vítimas eram mulheres.

"Eu tinha 19 anos e ele 33 quando começamos a nos relacionar. Eu achava maravilhoso estar com um homem mais maduro, experiente e que me protegia muito. Mas não era isso. Ele tinha a autoestima baixa e acho que sabia que ninguém iria aguentá-lo como eu, por isso, me sufocava. Mas só depois de tudo, e da terapia, que eu consegui enxergar dessa forma. Na época, eu achava que era ciúme e amor".

Thiago de Almeida, psicólogo e especialista no tratamento das dificuldades do relacionamento amoroso, explica que muitas pessoas com problemas de insegurança, baixa autoestima, podem cometer crimes contra a pessoa que dizem amar.

"Essas pessoas têm dificuldade de aceitação quando o outro decide por uma separação ou uma traição. Muitas vezes não houve nada, mas na mente da pessoa que está doente o parceiro está traído ou abandonando. Ele deixa de acreditar no outro, sente-se mal e não aceita essas mudanças, ou o que ele crente que seja. Essas pessoas acham que têm a posse do outro".

DIFERENTE DO OUTRO

A doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora do curso de Psicologia da Unisantos, Thalita Nobre, explica que o sentimento de posse está ligado à paixão, à ideia irracional de que o outro tem que ser exatamente do jeito que se imagina.

"Sendo assim, ele não pode ter vontade própria, ter opinião, se diferenciar de mim. Isso deixa o apaixonado muito ofendido e desesperado". Por isso, em casos extremos, alguns tiram a vida do companheiro ou companheira porque não conseguem conviver com a ideia do outro ter uma vida que não seja 24 horas por ele. "Mas, na verdade, vale aquela máxima: quem ama, não mata. Quem mata é quem sente posse em vez de amar".



Amor que mata

Ciúme é fruto da insegurança sobre as relações

■ Ele era o primeiro namorado dela. O primeiro em todos os sentidos. Inclusive ao lhe mostrar o que não era amor.

"Eu perli minha virgindade com ele, e depois disso, as coisas ficaram muito difíceis. Ele queria controlar a roupa que eu usava, com quem eu andava, me ofendia, gritava. Eu não gostava daquilo, mas também não sabia bem o que era e não era relacionamento. Tinha 16, 17 anos", conta Laís (nome, fictício). Ela não aguentou e quis terminar o namoro. A partir daí, a situação ficou ainda mais violenta.

O rapaz, que morava em São Paulo, começou a aparecer com uma frequência assustadora nos locais em que ela estava. Ele

passou a segui-la. "Acho que ele comprou quase 100 chips de celular porque queria ele perceber que era ele me ligando, bloqueava o número". A cada tentativa de Laís se relacionar com alguém, o ex-namorado se intrometia, discutindo com os pretendentes. Até que começaram as ameaças de morte.

"Algumas amigas pararam de sair comigo, com medo dele. Sempre tinha alguém da minha família comigo para eu esperar o ônibus. Mas eles (família) custaram a acreditar no que estava acontecendo, porque ele era super bonzinho. Mas mostrei as conversas e ameaças, inclusive para a família dele. "Esse sentimento está sempre relacionado ao medo de perder o lugar para outra pessoa. Na relação amorosa, isso também vai acontecer. O ciúme é a constatação do perigo de que

aquele que amamos pode vir a se interessar por outro alguém que não a gente. O ciúme está relacionado à insegurança. O ciúme doentio é uma pessoa altamente insegura e egoísta".

Quanto mais inseguro for, mais vai imaginar-se perdendo o amado ou a amada para outra pessoa e, em alguns casos, a solução encontrada – e infantil, avalia Thalita – é o ciúme encontra para manter a pessoa do lado dele é por medo do medo. "Por isso, alguns perseguem o companheiro ou companheira, criam ideias de traição que ficam difíceis de explicar, porque só se vem sendo traídos e é essa verdade que vale".

CONTROLE

"Eu perdi minha virgindade com ele e, depois disso, as coisas ficaram muito difíceis. Ele queria controlar a roupa que eu usava, me ofendia, gritava. Eu não gostava daquilo, mas também não sabia bem o que era o relacionamento. Tinha 16, 17 anos"

"Algumas amigas pararam de sair comigo, com medo dele. Sempre tinha alguém da minha família comigo para eu esperar o ônibus. Mas eles (família) custaram a acreditar no que estava acontecendo, porque na frente de todo mundo ele era super bonzinho. Mas mostrei as conversas e ameaças, inclusive para a família dele. Foi quase um ano e meio nessa situação. Aiele sumiu. Mas, mesmo assim, no meu aniversário sempre dá um jeito de mandar mensagem"

Laís
 vítima, nome fictício

Medida protetiva carece de estrutura

■ No último dia 25, Luciano Borges da Silva foi a Juquá, no Vale do Ribeira, atrás da ex-esposa, Jennifer Moraes Belo, que estava na casa da avó. Ele invadiu a casa e atacou a facadas. O casal, que morava em Guarulhos, se relacionou durante cerca de seis anos e tinha um filho de 4.

Jennifer, que não queria mais o relacionamento, já havia registrado quatro boletins de ocorrência contra o ex por agressões e foi morar com a mãe, há alguns meses, na mesma cidade. Ainda amuada, decidiu se mudar para a casa de outros familiares, em Praia Grande.

A diretora da faculdade de Direito da Unisantos, a advogada Renata Bonavides, explica que existe na Lei Maria da Pen-

ha as chamadas medidas protetivas, que exigem, por exemplo, que o homem não se aproxime da mulher. Mas garante que "de protetivas, elas só têm o nome. Porque, como foi o caso da garota de Juquá, por mais que a lei prevê a possibilidade de imposição de medidas pelo juiz, essas medidas, a bem da verdade, não são fiscalizadas".

SEM APARATO

Ela afirma que há diversos casos de mulheres que tinham medida protetiva, mas foram mortas pois não tinham esse aparato apto para protegê-las. "É importante ter as medidas protetivas, mas mais ainda que o Estado nos dê essa proteção. Hoje, a mulher detentora de

uma medida protetiva tem nas suas mãos um documento, um papel. Se o agressor se aproximar, ela chama a polícia. Se a polícia chegar e ele estiver presente, vai preso. Se a polícia não chegar antes do agressor agir, ele vai fazer o que esse homem em Juquá fez".

Essa situação, afirma Renata, tem feito com que muitas mulheres desistam de procurar a polícia porque sabem que se conseguirem a medida e o agressor souber, ele poderá ficar mais violento.

EMOÇÃO E PAIXÃO

Renata explica que a expressão crimes passionais não existe na lei penal brasileira. A lei, segundo ela, fala no Artigo 28

que não exclui da imputabilidade penal a emoção e a paixão. Significa dizer que quem pratica um crime e alega que o praticou por paixão vai responder criminalmente.

"O que existe na lei, e que muitas pessoas quando acusadas alegam, é a chamada violência emocional logo após a injusta provocação da vítima, ou relevante valor moral e social, por exemplo, no caso de uma traição. Tudo isso para se valer do chamado homicídio privilegiado, em que há uma redução da pena. Eu defendo que aquele que pratica um crime chamado, comumente, de crime passionais, essa pessoa precisa responder, sim, com o rigor da lei por homicídio qualificado".

SOBRE LEIS

"É importante ter as medidas protetivas, mas mais ainda que o Estado nos dê essa proteção. Hoje, a mulher detentora de uma medida tem nas suas mãos um documento, um papel. Se o agressor se aproximar, ela chama a polícia"

"O que existe na lei, e que muitas pessoas quando acusadas alegam, é a chamada violência emocional logo após a injusta provocação da vítima, ou relevante valor moral e social, por exemplo, no caso de uma traição. (...) Eu defendo que aquele que pratica um crime chamado, comumente, de crime passionais, essa pessoa precisa responder, sim, com o rigor da lei por homicídio qualificado"

Renata Bonavides
 diretora da Faculdade de Direito da Unisantos

Nos relacionamentos, homens matam mais

■ Os dados da Secretaria de Segurança Pública detalham o sexo das vítimas de homicídios por conflito interpessoal III – aqueles assassinatos relacionados a casais e companheiros, quando a morte resultou de conflito que envolve relações afetivas, assim como agressões a um terceiro em razão do sentimento de posse de um dos parceiros. Porém, não há a mesma informação para autores desses crimes. O dia a dia, no entanto, mostra que os homens matam mais por ciúmes.

"Acredito que os costumes da nossa sociedade influenciam esse tipo de comportamento, mas sabemos que os homens têm uma tendência maior a serem impulsivos. Então, diante de uma situação em que podem imaginar como uma traição, isso recai no homem com um ataque direto e certo à sua dignidade", diz Thalita.

Alguns conseguem lidar com a situação de maneira razoável. Outros, aqueles que são muito inseguros e estabeleceram uma relação de vivenciam uma situação de rejeição ou traição deixam afo-

rar muita hostilidade e desejo de vingança. "Em algumas regiões de cultura mais machista, o sentimento de perder o controle sobre a mulher pode soar como uma grande ofensa, porque nutrem um sentimento de superioridade e forte posse sobre a elas. Assim, se a mulher demonstrar alguma vontade própria, alguns homens podem pensar: estou sendo passado para trás. E pior: por um ser inferior, uma mulher", diz Thalita.

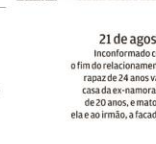
CIÚME E VIOLENCIA

Para o psicólogo Thiago Almeida, especialista no tratamento das dificuldades do relacionamento amoroso, as mulheres sentem mais ciúmes, mas os homens são mais violentos. "Elas são mais ciumentas, mas gritam, choram, são mais dramáticas. Já os homens, pela força física, e a influência da sociedade normalmente machista, acreditam ter a força para serem violentos. Então, e domos da mulher. Então, quando perdem o controle ou são contrariados, elevam essa violência ao nível mais alto, agredindo ou matando".

CASOS RECENTES



Ex-marido corta cabelo de mulher com estilete no BWH



Duplo homicídio choca parentes e vizinhos



Homem atela fogo em casa e mata mulher em P. Grande



21 de agosto: Incomodado com o fim do relacionamento, rapaz de 24 anos vai à casa da ex-namorada, de 20 anos, e mata a ela e ao irmão, a facadas.



Delegado mata m

Nem sempre o trágico desfecho recai sobre a parceira. O jogador de hóquei sobre patins Matheus Garcia Vasconcelos Alves, de 24 anos, foi morto recentemente com tiro na cabeça pelo ex-Pelé Jarbas Colferri Neto, de 23 anos. O motivo: Jarbas alegou ter ciúmes da mãe de seu filho e desconfiar que ela tinha um caso amoroso com o atleta. Matheus foi atirado para uma emboscada pelo ex-Pelé, que usou o perfil da companheira no Facebook. Se passando por ela, Jarbas conversou com Matheus por meio do aplicativo Messenger e insistiu para que ele fosse ao seu encontro no local do crime. O estudante chegou ao lugar combinado em um carro vinculado ao aplicativo de transporte de passageiros Uber. Logo após a vítima desembrasar o veículo saiu lá, Jarbas gritou: matheus e Matheus e o matou.

EFEITO COLATERAL



Nem sempre o trágico desfecho recai sobre a parceira. O jogador de hóquei sobre patins Matheus Garcia Vasconcelos Alves, de 24 anos, foi morto recentemente com tiro na cabeça pelo ex-Pelé Jarbas Colferri Neto, de 23 anos. O motivo: Jarbas alegou ter ciúmes da mãe de seu filho e desconfiar que ela tinha um caso amoroso com o atleta. Matheus foi atirado para uma emboscada pelo ex-Pelé, que usou o perfil da companheira no Facebook. Se passando por ela, Jarbas conversou com Matheus por meio do aplicativo Messenger e insistiu para que ele fosse ao seu encontro no local do crime. O estudante chegou ao lugar combinado em um carro vinculado ao aplicativo de transporte de passageiros Uber. Logo após a vítima desembrasar o veículo saiu lá, Jarbas gritou: matheus e Matheus e o matou.